

Introdução

A participação das mulheres na cultura e nas diversas confissões religiosas é cada vez maior; porém, o reconhecimento de sua contribuição nos diversos espaços familiares, sociais, econômicos e eclesiais permanece aquém do esperado. Mas isso está mudando. Mulheres e homens somam-se cada vez mais na busca comum de relações e formas de vida harmônicas e equitativas. A emergência dessa nova consciência torna possível identificar os desequilíbrios historicamente construídos, geralmente em prejuízo das mulheres; ela também permite operar mudanças na maneira de pensar, nas atitudes e modos de se comportar nos diferentes níveis e segmentos da sociedade.

Nesse aspecto, a teologia feita por mulheres nos últimos decênios, tem sido um dos lugares significativos de tomada de consciência a respeito da reavaliação dos valores historicamente atribuíveis ao masculino e ao feminino. Tal teologia faz parte da emergência das mulheres como produtoras de ciência e cultura na sociedade contemporânea. A reflexão teológica, enriquecida pela perspectiva das mulheres, minimiza a tentação da arrogância intelectual e do exercício patriarcal do poder na sociedade e na Igreja. Mas não se trata de postular uma suposta alternância de poder, das mulheres contra os homens ou dos leigos contra os clérigos. Já na década de 1960, o Concílio Vaticano II reconhecia aos fiéis, “tanto ao clero como aos leigos, uma justa liberdade de investigar, de pensar e de manifestar a sua opinião”.¹ Assim, homens e mulheres, clérigos e leigos são convidados a refletir sobre a fé.

No caso das leigas teólogas, é visível o objetivo da construção de novas interações que deixem de pactuar com as exclusões de uma teologia, muitas vezes feita quase que exclusivamente pelos homens e voltada para uma sociedade na qual os valores masculinos se impõem. Desde o *I Encontro Latino-americano de*

¹ VATICANO II. “Gaudium et Spes”. In: *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. 29 ed. Introdução e índice analítico de Boaventura Kloppenburg; coordenação geral de Frederico Vier. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, n. 62, p. 217.

Mulheres Teólogas, tal anseio era manifesto: “... nós mulheres não queríamos uma teologia vindicativa ou excludente, mas que nossa luta contra o machismo era no sentido de recriar uma teologia onde as mulheres e homens pudessem se expressar e em igualdade serem valorizados”.²

A discriminação histórica das mulheres na prática eclesial e na reflexão teológica também tem sido freqüente em outras dimensões da cultura ocidental, tais como a ciência, a política, a economia, a educação e as relações de trabalho. Se nessas últimas dimensões nós mulheres estamos construindo nosso próprio espaço com avanços importantes, também na reflexão teológica se faz mister propor novas reflexões que propiciem novas práticas eclesiais inclusivas. Nesse aspecto, se de um lado é preciso reconhecer a legitimação religiosa – injustificável – do domínio do homem sobre a natureza e sobre a mulher implícita ou tacitamente na teologia católica, de outro lado, não haveria qualquer possibilidade de mudar o rosto da teologia se a transformação dessa mentalidade não tivesse como fonte a própria Revelação.

Por isso é imprescindível trabalhar a teologia sob novas perspectivas sem prescindir de novas interpretações de sua fonte fundamental, que é a Bíblia. Daí o título de nosso estudo: “*Teologia na perspectiva das relações de gênero: a contribuição da hermenêutica bíblica*”.

Apresentemos brevemente o título: *Teologia na perspectiva das relações de gênero*. Brevemente, porque esse tema comparece no conjunto do trabalho.

Na América Latina, estamos acostumadas/os a pensar a Teologia desde a perspectiva da libertação dos oprimidos. Para tanto, tal teologia valeu-se da mediação sócio-econômico-política para teologizar a realidade dos pobres, em vistas de dar voz às pessoas sem-voz e dar visibilidade àqueles historicamente considerados invisíveis pelos olhares e discursos oficiais. Mas logo tal mediação revelou-se insuficiente quando nós mulheres começamos a teologizar nossa experiência de fé. Percebemos nossa dupla situação de opressão: pela pobreza e por ser mulheres.

² TEPEDINO, A. M. Mulher e teologia na América Latina: perspectiva histórica. In: BIDEGAIN, Ana Maria (org.). *Mulheres: autonomia e controle religioso na América Latina*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. p. 201.

Se a pobreza sócio-econômica que atinge significativamente as mulheres podia ser satisfatoriamente tratada pela teologia da libertação, a discriminação por *ser* mulher não era considerada nos primórdios de dita teologia. Para dar conta desse *déficit* era necessário também tratar da mediação cultural, particularmente a categoria analítica de gênero. Como assevera Tepedino: “a perspectiva de gênero ajuda-nos a compreender as relações sociais: a contradição e o antagonismo, centrais para as relações entre os sexos, são compreendidos como relações de força que mudam continuamente.”³ Assim, concepções imobilistas como a do mito do “eterno feminino”, somada àquela que divide homens e mulheres por seus papéis sociais, são desacreditadas. Significa que homens e mulheres se tornam tais a partir de relações socialmente construídas. Por isso, ao instrumental de gênero é acrescido o de relação. “Homens e mulheres são assim considerados porque é a relação que faz deles o que são. Estudar um dos termos implica estudar o outro. Mudando um dos termos, o outro também tem que mudar.”⁴ Além disso, as relações de gênero apresentam-se como perspectiva importante para a teologia porque “articulam sexo, classe e raça”, o que possibilita analisar a situação das mulheres em diferentes culturas e não somente naquelas afetadas pela pobreza.

Após justificar o título do trabalho, passemos para a problematização do enfoque a ser dado à presente pesquisa. Ela pode ser enunciada da seguinte forma: qual a contribuição da hermenêutica bíblica (feminista) para a teologia na perspectiva das relações de gênero?

Sem a Revelação bíblica, não se pode falar de Deus e de como ele age na vida e no mundo. Contudo, interpretações a respeito de certas passagens da Bíblia são notadamente marcadas pela perspectiva exclusiva dos homens. Significa que outras perspectivas de leitura podem ser elaboradas, mostrando como Deus se revela para seu povo a partir das questões atuais colocadas pelas mulheres. Lembra o documento da Pontifícia Comissão Bíblica que, no interior da própria Bíblia, pode-se constatar essa prática da atualização. “Textos mais antigos foram relidos à luz de circunstâncias novas e aplicados à situação presente do Povo de

³ TEPEDINO, A. M. Gender and new (re- newed) Images of the Divine. *Voices From The Third World*, Estados Unidos da América, v. XXXIV, n. 1, p. 84-96, 2001, p. 4.

⁴ Ibid.

Deus. Baseada sobre as mesmas convicções, a atualização continua necessariamente a ser praticada nas comunidades dos fiéis”.⁵

É o caso da atualização daquelas passagens bíblicas que milenarmente têm contribuído para manter a mulher em situação de desvantagem em relação ao homem na Igreja e na sociedade. A atualização de que se fala aqui é a atenção dada àqueles elementos que intencionalmente ou não, relegaram a mulher a um papel secundário.

Mais do que agregar outro método de interpretação bíblica busca-se resgatar a importância do papel da mulher, em face de outras perspectivas já sedimentadas culturalmente. Atenção especial é concedida ao cotidiano, tomando-o como um dos lugares fundamentais para a compreensão dos textos, de modo a possibilitar que eles “falem” hoje.

No Primeiro Capítulo apresentamos o “estado da questão”. Sugerimos que a teologia feminista procura combinar a mediação analítica das relações de gênero, o método hermenêutico e a estratégia da suspeição. Além disso, apontamos para os riscos que as mulheres assumem ao recorrer à Bíblia para teologizar sua experiência de fé, sendo elas próprias muitas vezes marginalizadas por outras teóricas que, pelo contrário, reafirmam a impossibilidade de uma releitura positiva do texto sagrado num contexto eminentemente patriarcal.

No Segundo e Terceiro Capítulos empreendemos a análise crítica de grandes narrativas, conforme perspectiva da teologia feminista atual.⁶ Apoiamo-nos na exegese e na teologia bíblicas para tratar de relatos, como os que envolvem a criação e o pecado ou ainda apresentamos grandes personagens, como é o caso de Maria de Nazaré. Privilegiamos, porém, os pequenos relatos, como quando discorremos sobre as mães de Israel, as mulheres líderes e solidárias da época dos juízes, ou ainda a samaritana do evangelho de João. Com isso, pretendemos questionar interpretações patriarcais extraídas de figuras como Eva ou Maria em vistas da proposição de novos olhares a partir da contribuição da hermenêutica bíblica para a teologia na perspectiva das relações de gênero.

⁵ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A interpretação da Bíblia na Igreja*. Discurso de Sua Santidade o Papa João Paulo II e documento da Pontifícia Comissão Bíblica. 6. ed. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 139.

⁶ WEILER, L. Chaves hermenêuticas para uma releitura da Bíblia em perspectiva feminista e de gênero. In: SUSIN, Luiz Carlos (Org.). *Sarça ardente. Teologia na América Latina: prospectivas*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 225.

No Quarto Capítulo buscaremos apresentar a importância de tais análises para a teologia feminista na América Latina, assim como relevar as principais preocupações, dificuldades e perspectivas de dita teologia. Consideramos que esse é um dos caminhos profícuos para reavaliar os desdobramentos preciosos da assim chamada teologia feminista. Afinal, seria impensável uma teologia na perspectiva das relações de gênero se na fonte maior da teologia cristã, que é a Bíblia, não estivessem presentes, explícita ou tacitamente, figuras de mulheres que pensaram a vida, o mundo e a sociedade a partir de suas palavras, gestos e atitudes.